

## **“Tradição, Família e Propriedade”: contra-revolução, ultramontanismo e anticomunismo nos escritos de Plínio Corrêa de Oliveira**

Thalisson Luiz Valduga Picinatto<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apontar algumas das características centrais do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, líder operacional, doutrinário e espiritual da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Redator-chefe da Revista Catolicismo, Plínio Corrêa de Oliveira fez da mesma a porta-voz da TFP e principal meio de divulgação das idéias do catolicismo integrista e ultramontano brasileiro, alcançando ao longo dos anos, um grande número de leitores e admiradores entre os católicos. A entidade, fundada em 1960 experimentou um crescimento vertiginoso nas décadas de 1960 e 1970, quando viu seus quadros se espalharem por mais de 14 países da América, Europa e África, tornando-se um baluarte do anticomunismo brasileiro, e oficialmente teve seu fim na década de 1990, quando Plínio Corrêa de Oliveira, presidente do grupo veio a falecer.

**Palavras-Chave:** Anticomunismo, Igreja Católica, TFP.

**Abstract:** This work wishes to show some central characteristics of Plínio Corrêa de Oliveira thought, who was operational, doctrinal and spiritual leader from Brazilian Society of defect the Tradition, Family and Property (TFP). Writer of Catholicism Magazine, Plínio Corrêa de Oliveira did that it the official messenger to report the Integralist and ultramontaine Brazilian Catholicism thought, researching during the years, a lot of readers and fans among the Catholics. The organization, created in 1960 experimented a great growing up on a decades of 1960 and 1970, when it saw your members to scattered for more than fourteen countries in America, Europe and Africa, become an icon of Brazilian anticommunism, and officially it had your end in decade de 1990, when Plínio Corrêa de Oliveira, president of the group died.

**Key-Words:** Anticommunism, Catholic Church, TFP.

Os estudos sobre o anticomunismo passaram por um vertiginoso crescimento nas últimas décadas. Impulsionados por um redirecionamento no olhar historiográfico nos últimos anos do século XX, os historiadores passaram a perceber possibilidades de compreensão de determinada realidade social a partir de fontes e objetos que, até pouco tempo atrás foram relegadas à secundariedade pelos profissionais de História. É impossível não destacar o grande interesse que os grupos de esquerda e movimentos sociais reivindicatórios geravam entre os historiadores. Salvo alguns poucos estudos sobre os movimentos políticos de orientação conservadora, em geral os historiadores do “político” centralizaram seus estudos nos movimentos de orientação marxista ou revolucionários, que de fato podiam se mostrar mais atraentes por oferecerem possibilidades reais de mudança no sistema capitalista,

---

<sup>1</sup> Thalisson Luiz Valduga Picinatto é Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá. Atualmente é mestrando do Programa de pós-graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, atuando na linha de pesquisa em História Política e dos Movimentos Sociais.

alimentando a esperança de uma gama de pesquisadores militantes, visto a existência concreta do socialismo, especialmente na URSS.

Com o fim da URSS, os estudos sobre o anticomunismo e os grupos de resistência e militância anticomunistas, tornaram-se uma variante na busca da compreensão acerca da falência soviética e das tentativas revolucionárias fracassadas, que ajudaram a pintar o quadro da Guerra Fria, bem como do próprio conhecimento acerca da sociedade ocidental do século XX, pós-1917. Carla Simone Rodeguero é enfática quando diz que hoje não é possível pensar o anticomunismo senão como um dos capítulos da Guerra Fria, que formatou diversos posicionamentos políticos e sociais que hoje o historiador do século XX não pode descartar de seus estudos sobre o comportamento social e político dos povos e nações durante o século passado.

De fato, os novos estudos em história política, colocaram o anticomunismo no centro dos problemas a serem pesquisados, e criou um ambiente de demanda para trabalhos preocupados com o anticomunismo. Como afirma Rodeguero, esse *boom* dos estudos sobre o anticomunismo fizeram com que hoje se possa falar com clareza em um anticomunismo brasileiro, com suas próprias características e métodos. Segunda a autora, isso se deve tanto ao fato de os historiadores brasileiros terem experimentado um redirecionamento do seu olhar para com os objetos, das reflexões que se fizeram necessárias acerca da crise do “socialismo real”, e pelo desejo de compreender melhor as raízes das experiências democráticas e ditatoriais pelas quais o Brasil passou no século XX.

Esse crescimento nos estudos acerca do anticomunismo brasileiro possibilitou que os historiadores mostrassem a insistente presença do anticomunismo na vida nacional e sua relação quase que intrínseca com projetos autoritários e/ou totalitários. Ao mesmo tempo, esses estudos possibilitaram a averiguação da criação de imaginários anticomunistas, com suas imagens que caracterizavam uma identidade aos comunistas e seus projetos, delimitando um espaço demarcado entre os grupos comunistas e anticomunistas, uma noção de “nós” e “eles”. Tais estudos permitiram também que se fizesse um levantamento de grupos ou instituições que de uma maneira ou outra, no Brasil, se dedicavam ao combate ao comunismo e campanhas anticomunistas, como a Igreja Católica, a Cruzada Brasileira Anticomunista, a imprensa, a polícia, o governo etc., e como persistem imagens e temas acerca dos comunistas durante diversas épocas.

As pesquisas sobre o anticomunismo brasileiro também revelaram como esses grupos se preocupam com a forma com que ele era usado. Como afirma Rodeguero, as pesquisas na área revelaram que o anticomunismo não dizia respeito apenas ao combate ao comunismo,

mas sim a outros interesses dos grupos, como o de demarcar espaço no campo político. Os estudos mostram como o anticomunismo assumiu diferentes formas e papéis em conjunturas específicas, e como ele esteve presente em quase todas as disputas políticas brasileiras de grande parte do século XX. Nesse sentido, podemos afirmar que o anticomunismo já se tornou um tema consagrado de estudo histórico, seja sendo tomado ora como ideologia, ora como um discurso com uma coerência interna, ora como um imaginário.

Um dos grupos que se consagrou durante o período de sua existência, exatamente pelo tom acusatório e apocalíptico de seus discursos acerca do comunismo e de tudo que considerava receber influências desse pensamento, foi a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). Formada em 1960, a entidade de orientação católica passou a exercer um papel importante na sociedade brasileira, com manifestações públicas de ojeriza ao comunismo, divulgação de material acusatório, como revistas, panfletos e livros, além de passeatas e abaixo-assinados de grande repercussão pelas principais cidades brasileiras.

Como afirma Rodrigo Patto Sá Motta, a entidade não tinha uma orientação puramente anticomunista, embora esse fosse um ponto central do seu programa. Mas seu estudo se justifica pela importância adquirida pela TFP, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, quando experimentou o auge da sua existência pública, política e religiosa. Também é interessante notar que, em contraponto com a Cruzada Brasileira Anticomunista (CBA), que tinha uma proximidade maior com os grupos militares, a TFP contou em seus quadros com membros provenientes da sociedade civil, inspirados pelo ardil contra-revolucionário da doutrina católica. Nesse sentido, como afirma o autor, o destaque que a CBA e a TFP tiveram no cenário político nacional, serve para ilustrar como Católicos e Militares formaram a “coluna dorsal” do anticomunismo brasileiro no século XX. Nesse sentido, é importante apontarmos sob quais fundamentos se escora o anticomunismo tefepista, e para isso é necessário retroceder no tempo e verificar as influências que formaram o ideal do grupo, principalmente do seu fundador e líder, Plínio Corrêa de Oliveira.

A trajetória que firmou a criação da TFP começa aproximadamente quatro décadas antes da sua fundação oficial, centrada na figura de Plínio Corrêa de Oliveira, líder operacional, doutrinário e espiritual dos membros da TFP. Proveniente de família ligada aos quadros *quatrocentistas* da sociedade paulistana, Plínio recebeu educação católica e na década de 1920 já participava das Congregações Marianas, que eram grupos de jovens orientados

pela política de recatolização<sup>2</sup> da sociedade brasileira ditada pelo Vaticano. Na década de 1920, fez parte da fundação da filial paulistana do Centro Dom Vital, instituição que buscava centralizar o escol do pensamento católico brasileiro, numa tentativa de fortalecer a presença da Igreja Católica nos meios civis e políticos. Foi deputado constituinte em 1934, eleito pela Liga Eleitoral Católica, sendo o mais jovem e o mais bem votado candidato das eleições daquele ano. Participou do grupo de pressão que garantiu a evocação da proteção de Deus na Carta Constituinte e participou ativamente do processo de reaproximação entre Igreja e Estado durante o governo Getúlio Vargas.

Inspirado pelo pensamento ultramontano, que tinha como meta central construir uma ordem social marcada pelos valores católicos, na qual a Igreja exerceria papel de grande destaque para o arranjo social, e convencido de que o grande empecilho para a concretização de seu ideal era o avanço sistemático do que chamava de “revolução”, Oliveira arquitetou durante todo o período anterior à 1960, a formação de um grupo de católicos que comungasse com seu pensamento, e que em 1960 iria dar quórum à formação da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade.

A primeira grande obra de impacto de Oliveira foi o livro “Em Defesa da Ação Católica”, publicada em 1943. É importante destacar que Oliveira e seu grupo, que contava com a publicação de suas idéias principalmente através das páginas da Revista “O Legionário” e que ficaram posteriormente conhecidos como “grupo d’O Legionário”, percebiam o progressismo como a ameaça que corroía a autoridade da Igreja. Percebe-se que dentro do conceito de *progressismo*, colocavam todas as idéias defendidas pelos movimentos de renovação do catolicismo no Brasil, que haviam nascido desde o fim do século XIX e que perpassou toda a primeira metade do século XX, como a *nova teologia*, que buscava conciliar o pensamento teológico com os aspectos da modernidade, os *padres operários*, o *movimento bíblico*, o *movimento litúrgico*, entre outros que buscavam abrir caminho para a participação efetiva do leigo nas cerimônias, e uma aproximação mais ampla entre a sociedade moderna e a Igreja, o que refletia diretamente nas novas orientações da Ação Católica do Brasil. Como a relação entre a Igreja Católica e a modernidade acabou tornando-se a preocupação central do grupo d’O Legionário, e a “degeneração” da Ação Católica do Brasil era, como acreditavam, impulsionada pelo contato cada vez maior com a modernidade, os ultramontanos liderados

---

<sup>2</sup> Para Scott Mainwaring, a política de recatolização da sociedade brasileira pode ser entendida como o processo em que a Igreja, após a proclamação da república e separação entre Estado e Igreja, procurou reunir forças numa estratégia de restabelecer a presença da instituição na sociedade através de políticas de apoio à iniciativa católica leiga e pastoral. Coincide com o período que o autor chama de neocristandade, que vigorou entre os anos de 1914 – 1934.

por Oliveira organizaram a publicação de “Em Defesa da Ação Católica”, onde apontavam o que consideravam os erros da instituição, principalmente a ligação cada vez maior da ACB<sup>3</sup> com os movimentos modernistas da Igreja Católica. Na obra, o autor já esboçava sua percepção marcadamente ultramontana da história da Igreja Católica e da modernidade, e apontava a necessidade de restaurar a ACB, que padecia sobre os efeitos da modernidade. O livro foi dividido em cinco partes e buscava refutar os erros que o autor acreditava pairar no interior da instituição.

A grande ponta de lança que fez Oliveira escrever a obra e caminhar deliberadamente contra qualquer idéia que pudesse por ventura colocar a autoridade da Igreja e a desestabilização da ordem social em xeque foi a chegada ao país das idéias e reflexões do Frances Jacques Maritain, que eram vistas por Oliveira como o início da infiltração esquerdista na Igreja.

Para Oliveira, a aproximação da Igreja com a obra de Maritain causava se não um acolhimento dos ideais esquerdistas, uma “política de mão estendida”, ou seja, uma tentativa de convivência com o que o autor acreditava ser o ferrão da abelha que destruiria o catolicismo.

Em 1951, o antigo grupo d’O Legionário, reunidos sob a liderança de Plínio Corrêa de Oliveira assumiu a responsabilidade pela Revista Catolicismo, que anos mais tarde se tornaria a porta-voz oficial da TFP. Com caráter de periódico mensal, a revista ficou dividida em colunas centrais, da qual Oliveira ficou responsável por “Ambientes, Costumes e Civilizações”, onde busca analisar vários tipos de obras de arte cristãs, tentando evidenciar por meio do contraste com a arte moderna os *desatinos da civilização neopagã*. Segundo Rodrigo Coppe Caldeira, outra sessão que demonstrava claramente o ideário que se formava entre os membros do grupo era a nomeada “Os Católicos franceses do século XIX”, escrita por Fernando Furquim de Almeida, onde o objetivo era exaltar a Igreja do século XIX e defender os ideais dos franceses ultramontanos. Os membros de “Catolicismo” passaram a organizar viagens por todo o Brasil, buscando apoio, expondo suas idéias e fundando vários centros. Em 1953, dois anos após a fundação da revista, já havia grupos no Rio de Janeiro, em Campos e Belo Horizonte, tendo notável expansão posteriormente por toda a década.

A década de 1950 experimentou uma mudança de perspectiva pastoral na maioria do episcopado brasileiro. Nesse ínterim, parece que a voz de Plínio Corrêa de Oliveira e seus seguidores era única no empenho católico anticomunista daquela década, principalmente após

---

<sup>3</sup> Sigla utilizada para fazer referência à Ação Católica do Brasil.

a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – em 1952. Vivenciando um contexto de desenvolvimento econômico e de populismo, situação que contou com a cooperação e legitimação da cúpula católica brasileira, o grupo da então fundada revista *Catolicismo*, liderados por Oliveira, acreditou que as transformações políticas e sociais daquela década provocariam o desenvolvimento do que consideravam a grande ameaça ao seu ideal de sociedade, na qual as desigualdades “naturais” estariam garantidas entre as classes “harmonicamente hierarquizadas”. De fato, a defesa da desigualdade entre as classes, que para o grupo se apresentava como dádiva da vontade de Deus, foi durante os anos de existência da TFP, um dos temas que centralizaram o debate da entidade, seja através das páginas da Revista *Catolicismo* ou dos livros publicados pelo grupo.

Em 1959, Oliveira publica o seu principal livro, que viria dar o tom da militância tefepista<sup>4</sup> durante os anos de sua existência. “Revolução e Contra-Revolução”, publicada originalmente em abril de 1959, na edição número 100 da revista, sintetiza o ideal contra-revolucionário do grupo, e expõe as diretrizes de atuação que daria sustentação para a fundação da TFP em 1960. Segundo Caldeira, nessa obra os membros do grupo de “*Catolicismo*” viram reunidos os traços essenciais de seu ideário e uma visão panorâmica do espírito de luta que estavam imbuídos de continuar a combater. Nesta obra, Oliveira expõe o que acredita ser a *revolução* multissecular que busca incessantemente destruir a ordem cristã e sua representante direta, a Igreja Católica. Além disso, Oliveira procura traçar quais seriam as formas de combate ao “mal revolucionário”, e como o católico contra-revolucionário pode auxiliar no combate aos males modernos (em suma, a revolução) e na instauração de uma nova sociedade cristã, marcada profundamente por ideais que se assemelham aos da Idade Média e seu período áureo.

Oliveira buscou em *Revolução e Contra-Revolução*, esclarecer qual seria o inimigo verdadeiro da Igreja Católica, e como o católico deveria se portar diante da iminente destruição da sociedade cristã. O autor aponta que o nome desse inimigo é *revolução*, e que esta implicava todos os movimentos centrais que marcaram a idade moderna. Nesse sentido, é possível entender *revolução* como um sinônimo para modernidade, já que para o autor, a revolução é um processo único, lento e gradual, que foi paulatinamente destruindo todos os resquícios da cristandade ocidental. Oliveira destaca que a *revolução* passou por três momentos-chave, a Reforma Protestante, a Revolução Francesa e por último a Revolução

---

<sup>4</sup> Termo pelo qual ficaram conhecidos os militantes da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade.

Bolchevique. Cada uma dessas foi responsável pela disseminação de uma faceta diferente e encaminhadoras da destruição gradual da Igreja Católica. Uma disseminou o desrespeito à autoridade e o princípio de igualdade, a segunda foi responsável pela disseminação dos ideais liberais e igualitários e separação entre a Igreja e o Estado, e a última por sentenciar a destruição total da Igreja, disseminando o ateísmo e dissipando qualquer sinal de hierarquia social. Oliveira entendia que a crise que perpassava a contemporaneidade era resultante desse processo revolucionário. Tal processo é para o autor, universal, único, total, dominante e processual (OLIVEIRA, 1998, p.23), e é o resultado do desenvolvimento por etapas, de certas tendências desregradadas do homem ocidental e cristão, e dos erros delas nascido. Por meio da leitura da obra, é possível perceber que esta crise central é identificada com o fim da cristandade medieval e a emergência dos valores da modernidade, processo histórico que o autor nomeia como *revolução*.

Para Oliveira, o comunismo é a concretização dos males revolucionários por essência. Sobre o comunismo, Oliveira afirma:

É a negação completa. Materialista, nega ele toda religião. Igualitário, nega todos os princípios da verdadeira ordem social. Contrário à família, nega toda a ordem natural concernente à perpetuação da espécie. Contrário à propriedade individual, subverte em seus próprios fundamentos toda a economia reta e sadia. Amoral por essência, por princípio, por definição, nega ele toda possibilidade de um convívio humano suportável [...] Sanguinário, nega o direito à integridade física e à vida, de quem quer que se oponha a seus desígnios. (OLIVEIRA, 1956 p. 29)

Em resposta à caracterização do processo revolucionário, Oliveira traça o que seria o perfil da *Contra-Revolução*. Para o autor, “se a Revolução é a desordem, a Contra-Revolução é a restauração da ordem. E por Ordem, entendemos a paz de Cristo no reino de Cristo. Ou seja, a civilização cristã, austera e hierárquica, fundamentalmente sacral, antigualitária e antiliberal” (Oliveira, 1998, p. 93). Nesse sentido, era necessário projetar uma entidade que servisse como pólo aglutinador de indivíduos convencidos da necessidade de lutar pela vitória da Contra-Revolução. Nascia a necessidade da existência da TFP, entidade contra-revolucionária por essência, criada em 1960, um ano após o lançamento de “Revolução e Contra-Revolução”. Pode se afirmar, sem medo de errar, que a vontade de se lutar contra a revolução – e na sua etapa mais destruidora, o comunismo – foi o cimento ideológico que forneceu as bases para a formação da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade.

Segundo Rodrigo Patto Sá Motta, a TFP seria o instrumento necessário à consecução da ordem contra-revolucionária imaginada por Oliveira. A organização proporcionaria a força organizada apta a ser aplicada nas lutas contra-revolucionárias e, com o passar do tempo, cada vez mais em luta contra os revolucionários. O empenho anticomunista da TFP se fazia maior ainda graças à sua interpretação sobre a origem e disseminação do *progressismo* no seio da Igreja Católica. Para os tefepistas, as tendências esquerdistas nos meios católicos, maior a partir dos anos 1960, resultavam de um trabalho de infiltração comunista.

É certo que o anticomunismo tomou proporções exarcebadas no interior da TFP. Foi comum, durante suas campanhas de rua, que seus membros aparecessem em público portando estandartes vermelhos e vestidos com túnicas que remetiam diretamente às vestimentas medievais, portando megafones nas mãos e gritando palavras de ordem de conteúdo anticomunista. Não era incomum haver conflitos entre os membros da TFP e simpatizantes de esquerda, conflitos que muitas vezes acabavam em verdadeira “pancadaria”, na qual os tefepistas – tal quais verdadeiros cruzados medievais – podiam exercitar as técnicas marciais aprendidas nas academias de kare-tê sustentadas pela entidade nas principais cidades do país. Como afirma Motta, as principais ofensivas políticas e religiosas da TFP se deram: em 1961, na campanha contra a reforma agrária (taxada de socialista e confiscatória); em 1964, contra os setores esquerdistas da Igreja, principalmente a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Ação Católica; em 1966, com uma mobilização contra a institucionalização do divórcio em forma de abaixo-assinado, que contou com mais de um milhão de assinaturas; e em 1968, quando organizou novo abaixo-assinado contra a infiltração comunista na Igreja Católica, com aproximadamente 1,6 milhões de assinaturas. Nos anos seguintes, a TFP parece ter se dedicado mais à propaganda anticomunista e às caravanas de recrutamento de jovens no interior do país do que na coleta de abaixo-assinados, mas continuou com sua ferrenha campanha anticomunista, contra a infiltração na Igreja e em denúncias de vitórias comunistas no exterior<sup>5</sup>.

O declínio das ações da TFP coincidiu com o recuo do Governo Militar a partir do início dos anos 1980. Cercada por polêmicas a respeito de seu caráter, acusada de fanatismo religioso, culto a personalidade de Oliveira, organização paramilitar, enfraquecida por dissensões e deserções, o grupo passou a se preocupar com os problemas internos, descuidando das atividades públicas, embora mantivesse uma regularidade de publicações doutrinárias e continuasse a publicar mensalmente os números da Revista Catolicismo. Mas

---

<sup>5</sup> Dados recolhidos na obra de Rodrigo Patto Sá Motta, intitulada “Em Guarda Contra o Perigo Vermelho”.



as mudanças no cenário político e cultural dos anos 1980 não foram suficientes para sufocar o anticomunismo tefepista, que apenas sofreu uma mudança de enfoque. Surpreendidos pela fraqueza dos partidos de orientação esquerdista surgidos no processo de redemocratização do país, o esquerdismo católico passou a ser o cerne do problema, e começou a ser atacado como a principal estratégia de ataque comunista no país. Porém nesse ínterim a TFP já não apresentava o mesmo vigor que demonstrou nas décadas de 1960 e 1970, quando se apresentou como uma das principais, se não a principal instituição de caráter anticomunista no país. As palavras já pareciam ser a única arma que poderia ser lançada contra os seus adversários comunistas. A morte de Plínio Corrêa de Oliveira em 1995 foi o ponto zero do terremoto que decaiu sobre o grupo, pois não haveria ninguém com o mesmo carisma e liderança para reorganizar o grupo e tomar a frente das ações tefepistas. Assolada por brigas judiciais entre os antigos membros que desejavam ter a posse do nome da entidade, a TFP acabou caindo no ostracismo, e apesar de existir ainda hoje e ainda contar com a publicação mensal da Revista Catolicismo, foi lentamente se retirando até sumir completamente do cenário político nacional. Como afirma Rodrigo Patto Sá Motta, talvez o maior consolo para os antigos membros da TFP seja o fato de que seus antigos inimigos também tenham entrado em decadência e gradualmente saído do jogo político nacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO, Norberto (org). *Dicionário de Política*. Brasília: UNB, 1986;
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000
- CALDEIRA, Rodrigo Coppe. *O Influxo Ultramontano no Brasil: O pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- CASALI, Alípio. *Elite Intelectual e Restauração da Igreja*, Ed.: Vozes, Petrópolis, 1995
- CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. *Discursos Sobre a Leitura: 1880-1980*. Trad. Osvaldo Biato e Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1995
- FOLENA, Giuliu. *Escravos do Profeta*. Ed Emw. São Paulo, 1986.
- MACHADO, Antônio Augusto Borelli. *Meio Século de Epopéia Anticomunista*, Ed.: Vera Cruz, São Paulo, 1980
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916 – 1985)*, Ed.: Brasiliense, São Paulo, 1989
- MANOEL, Ivan. *O Pendulo da História: Tempo e Eternidade no Pensamento Católico (1800 – 1960)*. Eduem: Maringá 2004
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MOURA, Odilão. *As Idéias Católicas No Brasil: Direções do pensamento católico no Brasil do século XX*. São Paulo: Convívio, 1978

OLIVEIRA, Tiago de Paula. *A Evolução da Contra-Revolução: o discurso da TFP até os Arautos*. São Paulo: Factash Editora, 2007.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa. *Revolução e Contra-Revolução*. São Paulo: ed Vera Cruz, 1998

\_\_\_\_\_ *Em Defesa da Ação Católica*. São Paulo: Artpress, 1942.

\_\_\_\_\_ *A Igreja Ante a Escalada Comunista*. Buenos Aires: Guadalupe, 1974

PEDRIALI, José Antônio. *Guerreiros da Virgem: vida secreta na TFP*. Ed EMW, São Paulo, 1985

RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003

SANTOS JR, João Geraldo dos. *Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP): um movimento ultramontano na igreja católica do Brasil?* Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC, 2008.

ZANOTTO, Gizele. *Tradição, Família e Propriedade (TFP): as idiosincrasias de um movimento católico (1960 – 1995)*. Doutorado, Florianópolis, UFSC, 2007.